KAETÉS

A verdadeira história de um caminho que nunca tem fim. \*Kaetés, índios selvagens, mata virgem que nunca foi roçada, a verdadeira mata intocável.

Neste nosso descobrimento pensamos nada reencontrar, mas quando vamos a fundo nesta história que fica ilustrada nos pergaminhos do destino damos de cara com muitas vidas que ninguém mais se lembra.

Eu estive nesta tribo dos Caetés, ano de 1500, ainda não dominados pelo evangelho, ainda puros pela essência de sua cultura. Alguns da terra já foram convertidos, mas estes que reinam no mundo espiritual não. Eu diria que são como a própria natureza sem ser mexida.

Os Tupinambás enfrentaram este grupo indígena que, no passado, habitou a região do litoral nordestino. Eu fui buscar respostas, fui atrás, e ainda os espíritos estão presos nas amarras destas terras.

Espíritos ferozes a ponto de não deixarem ninguém se aproximar. Eu comecei uma infiltração no seio deste povo. Estou formando um caminho de regresso ao convívio entre a terra e mundo espiritual. Não são fáceis de serem compreendidos em sua linguagem Tupi antiga. O mundo espiritual traduz a essência das comunicações e vamos aprendendo nos transportes a enfeitar nossos aledas com as pérolas divinas da transmutação.

Transmutar o espirito é faze-lo viver ou conviver em outra situação, mudar sua feição, mudar sua origem ou local, enfim, é algo diferente nas ações do espirito. Eu comecei esta transmutação diante deste povo para poder ser aceito. Sei que não será fácil catequizar quem foi barbarizado. Não é bem catequisar, mas dar a eles a condição de serem entendidos em suas culturas.

Todo povo tem sua cultura em seus territórios, em seus países de origem. Quando o espirito sai de sua roupagem ele volta trazendo um pouco desta atribuição em sua linha temporal. A evolução torna isso possível pela aceitação do eu na sua migração entre corpos. Ninguém nasce das cinzas e por isso precisa de um novo instrumento para ter seus pés no chão.

Ao chegar nesta tribo eu tive medo. O grito de guerra ecoava pela minha cabeça. Eram homens bravos que não se deixavam mais dominar pelos seus inimigos. Foram iludidos e por isso pagaram com suas vidas. O extermínio, 75 mil vidas, causou uma ruptura nas reencarnações. Estes espíritos não desceram mais sobre os corpos e ficaram nesta faixa primitiva de uma mata intocável.

Dei os primeiros passos e outros virão. Temos uma divida de honra com este povo que vão ser trazidos para os templos em uma rica oportunidade de serem atendidos. São diferentes dos Xingus, são guerreiros destemidos que foram escravizados. Agora, temerosos pelo primeiro contato, empunharam suas lanças e flechas para combater quem lhes importunar, são ou estão intocáveis.

Tudo ainda está sendo tratado como natural. Eu me revesti ou transmutei em suas roupagens para poder passar pelos guardiões dos portais. Somente o cheiro poderia me delatar, mas com a infusão de ervas com cheiro esfregadas no espirito não me sentiram.

Assim estamos nesta grande escola que se chama espiritualidade. Ser um estudioso da vida espiritual não é se ater somente aos ritos de uma condição, mas é avançar nos limites da história. Eu estou avançando os limites de minha experiencia mediúnica. Meu espirito é dinâmico e vai atrás das respostas. Eu não fico sentado sob os olhares dos jaguares, eu não nasci para ficar preso nas amarras das reencarnações. Liberdade é algo que não tem preço.

Novos descobrimentos irão ser trazidos aos poucos, isto é, conforme o espirito vai se compenetrando das verdades que ficaram escondidas sob o manto da prudência, eu estou rompendo este grande véu que liberta e não escraviza. Ser escravo do conhecimento é algo paranormal, sobrenatural.

Salve Deus!

Adjunto Apurê

An-Selmo Rá

13.11.2020

\*Os índios desta comunidade, assim como outros grupos indígenas brasileiros, praticavam a antropofagia ritual, e teriam consumido — de fato trucidaram, porém o consumo posterior é controverso — o primeiro bispo do Brasil, dom Pero Fernandes Sardinha, junto com o donatário do Siará Grande (Ceará) Antônio Cardoso de Barros, cujo navio em que regressava a Portugal naufragou nas costas da foz do rio Coruripe, no atual estado Alagoas, junto a outros cem náufragos. O evento ocorreu em 1556.

Em sua época, o incidente provocou a ira da Igreja Católica e da Inquisição. Em 1562, depois de serem acusados de devorar o bispo, foram considerados "inimigos da civilização" e, com o aval da Igreja Católica, se tornaram alvos de implacável perseguição pelo governador português Mem de Sá, que determinou que fossem "escravizados todos, sem exceção". Como consequência, os caetés foram extintos em cinco anos.

Pesquisas recentes colocam em dúvida se o bispo Pero Sardinha teria mesmo sido devorado pelos indígenas, já que os relatos são todos marcados pela intenção de condenar os caetés e torná-los sujeitos à escravização.

O verdadeiro motivo da morte do primeiro bispo do Brasil poderia ter sido a vingança do governador-geral, Duarte da Costa, e de seu filho Álvaro da Costa, que poderiam ter tramado tal crime e incriminado os caetés. Álvaro da Costa, homem violento, que usava da força para intimidar principalmente os índios, se relacionava sexualmente com as indígenas. Durante um de seus sermões, o bispo Sardinha teria condenado as ações de Álvaro da Costa, o que resultou no início de um conflito entre o bispo e o governador-geral.

foram um povo indígena brasileiro de língua tupi antiga que habitou o litoral do Brasil entre a ilha de Itamaracá e o rio São Francisco no século XVI. Eram 75.000 indivíduos. A área que habitavam era limitada ao norte pelas terras dos potiguaras e, ao sul, pelas dos tupinambás. Aliaram-se aos comerciantes franceses que percorriam o litoral brasileiro no século XVI, tornando-se, então, inimigos dos portugueses. Os caetés, antes de serem extintos, foram escravizados pelos portugueses e utilizados como mão de obra no plantio da cana-de-açúcar.